

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ISABELLA BILEZIKJIAN PANEGASSI SILVA

O acontecimento fortuito na pulsão invocante: a escuta do sujeito do inconsciente

Especialização em Semiótica Psicanalítica - Clínica Da Cultura

São Paulo

Junho de 2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ISABELLA BILEZIKJIAN PANEGASSI SILVA

O acontecimento fortuito na pulsão invocante: a escuta do sujeito do inconsciente

Especialização em Semiótica Psicanalítica - Clínica Da Cultura

Monografia de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu, promovido pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão- COGEAE/PUC-SP. Requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura. Trabalho sob orientação do Prof. Dr. Juan Guillermo D. Droguett.

São Paulo

Junho de 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço o professor Juan Droguett pela orientação, por todas as reflexões que me provocaram a elaborar questões tanto de pesquisa, quanto de vida, e pela escuta sempre atenta.

Agradeço o Rafael, pelo apoio genuíno, desde o início, até o fim.

Agradeço a coordenadoria e equipe docente do curso de especialização em Semiótica Psicanalítica, porque foi ali que desvendei que meu percurso havia mesmo de ser o psicanalítico.

O acontecimento fortuito na pulsão invocante: a escuta do sujeito do inconsciente

Isabella Bilezikjian Panegassi Silva

Resumo

O sujeito elaborado pela psicanálise é aquele dividido entre aquilo que intenciona dizer e o que realmente diz, ou seja, um sujeito do inconsciente, fruto da articulação dos registros Imaginário, Simbólico e Real. Propõe-se a questão de como é para esse sujeito circular por um mundo cheio de estímulos invocados que constantemente o convocam para algo a seu próprio respeito. Assim, essa monografia tem como objetivo destacar os efeitos do acontecimento fortuito por meio da pulsão invocante na escuta constitutiva do sujeito do inconsciente, utilizando a obra literária “O acontecimento”, de Annie Ernaux, como material de articulação com a teoria psicanalítica abordada. Além disso, a metodologia adotada baseia-se na obra e transmissão teórica de Sigmund Freud, Jacques Lacan e de críticos contemporâneos, que envolvem o estado da arte da questão. Pensando a problemática da escuta reflexiva do sujeito, é possível abordar os conceitos de pulsão invocante, os registros lacanianos, o tempo lógico, a cadeia significante e os sentimentos oceânico e desértico. A partir disso é possível concluir que o acaso carrega algo da ordem do Real e que, ao mesmo tempo que assusta, aponta para o desejo, que é próprio ao sujeito. O sujeito que buscamos escutar é, portanto, um sujeito desejante.

Palavras-chave: Pulsão Invocante. Acontecimento fortuito. Sujeito do Inconsciente. Psicanálise. Escuta.

The fortuitous event in the invocatory drive: the listening of the subject of the unconscious

Isabella Bilezikjian Panegassi Silva

Abstract

The subject from the psychoanalysis is the one divided between what it intends to say and what it really says, in other words, a subject of the unconscious, that comes from the registers Imaginary, Symbolic and Real. We propose the question of how it is to this subject to be in a world full of stimuli that constantly summon him up to something that is actually about himself. Therefore, this paper has the purpose to highlight the effects of the fortuitous event through the invocatory drive in the listening of the subject of the unconscious, using the literary work “The event”, from Annie Ernaux, as a material to articulate with the psychoanalytic theory approached. Besides, the chosen methodology is based on the work and theoretical streaming of Sigmund Freud, Jacques Lacan and from contemporary critics, which involve the state of art of the matter. Reflecting on the issue of the listening of the subject, we could approach the concepts of the invocatory drive, the lacanian registers, the logical time, the significant chain and the oceanic and desirous feelings. From this point it is possible to conclude that chance carries something that is Real and it scares, as long as it also reveals the desire that belongs to the subject. The subject that we aimed to listen to is, therefore, a desiring subject.

Keywords: Invocatory drive. Fortuitous event. Subject of the unconscious. Psychoanalysis. Listening.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

Pulsão invocante: um acontecimento nos três registros lacanianos

1.1 A Escuta como um Acontecimento na trama narrativa

1.2 La Mise-En-Scène da Pulsão Invocante no Livro O Acontecimento

CAPÍTULO II

A audição perceptiva e a escuta reflexiva do acontecimento na constituição do sujeito do inconsciente

2.1 O Tempo Lógico do Acontecimento

2.2 Reconstituição da Cadeia Significante que Aponta para o Sujeito do Acontecimento

CAPÍTULO III

O sentimento oceânico e o sentimento desértico na perspectiva da subjetivação de um acontecimento

3.1 Sons-imagens na remontagem do mal e bem-estar na civilização

CAPÍTULO IV

O real da pulsão invocante desvela o significante do desejo

4.1 O acontecimento da escrita e da análise psicanalítica: Annie como sujeito desejante

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

A vida, em sua maior parte, é feita de repetição. Acorda-se, levanta-se, trabalha-se, come-se e dorme-se. Sonha-se. Se a vida é matéria daquilo que se repete, de dias tão parecidos que se emendam no cordel do tempo, poderia se dizer que são os dias comuns que possuem maior potência em, gradualmente, ir transformando uma vida. Apesar disso, não se pode escapar do

fato de que, no meio desses dias comuns, da rotina e da repetição, vez ou outra, muito ou menos raramente, algo inesperado acontece. Algo de muito alheio e de muito estranho, que vem cortando tudo o que se tinha dado como conhecido, que chacoalha os saberes e os ditos e, paradoxalmente, nos faz reconectar justamente com aquilo que nos é mais familiar.

O que se guarda nesses acontecimentos fortuitos que tanto nos mobilizam? Seriam esses atos imprevisíveis e inesperados da vida essenciais para irmos nos construindo como sujeitos, nos tornando alguém? Pensando nisso, não podemos deixar de destacar que esse encontro com o acaso se dá muito pelos sentidos, pela materialidade dos olhos, da boca, do nariz, das mãos, da pele e dos ouvidos.

Com o propósito de começar a dar contorno e buscar respostas para essas reflexões propostas, a princípio nos voltamos para o que seria o “eu” e como ele se constituiria. Passamos por Freud e sua noção de que temos uma estrutura psíquica constituída de três instâncias: inconsciente, pré-consciente e consciente, atualizada na segunda tópica em id, ego e superego. Essas instâncias comporiam a clivagem de nossa subjetividade, uma vez que o aparelho psíquico é o que articula as imagens, palavras e o mundo das coisas. Freud afirmava que não existe, no início, uma unidade compatível ao eu do indivíduo, devendo esse eu ser construído (Freud, [1914-1916], 2010). Tal problematização elaborada pelo pai da psicanálise nos serve, portanto, como ponto de partida para nossa pesquisa.

Avançando em Lacan, entretanto, nos deparamos com os três registros da condição humana: Imaginário, Real e Simbólico (Lacan, [1953a], 2005). Nesse sentido, a hipótese lacaniana propõe que o “eu” estaria localizado na instância imaginária, enquanto o conceito de sujeito se formula de forma mais nuançada e complexa, como resultado da articulação dos três registros. Também por meio dos avanços nesses estudos, é possível começarmos a contornar o que nos interessa acerca da pulsão invocante: não mais sobre a memória, mas sobre o impacto do Real; não necessariamente como se constitui o “eu”, mas como se pode, mediante esse encontro, escutar o sujeito do inconsciente; sendo este potencialmente o ponto mais crucial dessa pesquisa.

Se Freud irá propor um inconsciente acessado por meio das intervenções clínicas, Lacan irá articular um inconsciente que se dá pela e através da linguagem. Ao nos voltarmos para a concepção de sujeito proposta pelo psicanalista francês, nos deparamos com a perspectiva de uma dupla divisão, em que a linguagem e a comunicação são experienciadas de maneira bem subjetiva. À medida que nos propomos a escutar o discurso e, dele, passamos a identificar significantes, denota-se o quanto que o “eu”, a pessoa, não sabe o que diz, “algo” fala por ela e nela. As formações do inconsciente, manifestadas nos chistes, sonhos, atos

falhos e nas lembranças encobridoras são exemplos claros disso; quando falo não digo aquilo que intenciono, algo diz em mim. Algo esse que vem de um Outro.

Assumindo esta perspectiva de um sujeito que é dividido entre aquilo que intenciona dizer e o que realmente diz, levanta-se a questão de como é para esse sujeito circular por um mundo cheio de estímulos não alheios a si, mas que constantemente o convocam para algo a seu próprio respeito. Seja deparar-se com uma música, uma cena de um filme, ou a voz de alguém, é como se o mundo passasse a falar conosco e, desse modo, nos sentimos sermos capturados e transportados de onde estamos, deixamos de ocupar a posição de sujeito, e nos colocamos no lugar de “outro”. Ao mesmo tempo, o objeto (a música, o filme etc.) passa a assumir uma posição de sujeito. Desse modo, ao me retirar de mim, por um instante que for, me (re)encontro. Nos deparamos aqui com a dissolução da clássica dicotomia sujeito-objeto. Esta pode ser considerada a principal contribuição que este trabalho se propõe a transmitir.

Afinal, como se dá este processo para o sujeito? Como é sentir-se atravessado por um acontecimento da ordem do acaso, inesperado, algo que é novo e inquietante, mas que ao mesmo tempo, parece apontar para algo familiar e antigo? O que é possível escutar de si, ao escutar algo proveniente de um Outro? Estas são algumas das questões que levantamos ao refletir sobre este sujeito do inconsciente, atravessado, constituído e reconstruído pelos acontecimentos e ditos que experiencia e escuta. Algo nesta dinâmica nos dá notícias das pulsões, mais especificamente da pulsão invocante. É partindo deste ponto que iniciamos esta investigação.

Deste modo, esta monografia tem como principal objetivo destacar os efeitos do acontecimento fortuito por meio da pulsão invocante na escuta constitutiva do sujeito do inconsciente. Propõe-se, para tal, a leitura dos três registros lacanianos a partir de um aspecto original, o acaso. Para isto, os procedimentos metodológicos aos quais lançaremos mão são provenientes de uma base científica elencada principalmente pelos psicanalistas Sigmund Freud e Jacques Lacan, em especial a obra “A pulsão e seus destinos” (1915) do primeiro e “O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964), do segundo. Além destes, críticos atuais dos autores, tais como Paul-Laurent Assoun, bem como autores de outras áreas, como o sociólogo Edgar Morin, serão de extrema relevância para a articulação de uma resposta mediante as questões propostas. As aulas e orientações provenientes da trajetória do curso de especialização em Semiótica Psicanalítica também serão de extrema importância para a construção dessa monografia.

A seguir, enfatizando o projeto laciano de traduzir tais conceitos na perspectiva da linguagem, bem como as releituras contemporâneas desses autores citados, buscamos realizar um recorte da pulsão invocante. Contudo, para comprovar a hipótese acima levantada, se fez

necessária uma outra leitura, a do livro literário “O acontecimento”, de Annie Ernaux, que também possui uma adaptação fílmica de 2021, da diretora Audrey Diwan.

Abordaremos, ao longo deste trabalho, a articulação da pulsão invocante nos três registros lacanianos, discorreremos sobre a diferença teórica entre audição perceptiva e escuta reflexiva diante de um acontecimento fortuito e como tudo isso contribui para a constituição do sujeito do inconsciente; pensaremos o acontecimento a partir de uma perspectiva subjetiva partindo dos sentimentos oceânico e desértico; e refletiremos acerca do significante do desejo revelado a partir das experiências de escrita e da análise psicanalítica.

CAPÍTULO I

Pulsão invocante: um acontecimento nos três registros lacanianos

Para dar um pontapé na questão que propomos investigar, nos voltamos inicialmente para a teoria das pulsões, uma das mais complexas e fundamentais dentre as construções de Freud. Complexa, porque foi questionando-se a respeito dos processos envolvidos na eleição dos objetos de desejo por um sujeito, que Freud começa a contornar conceitualmente o que seria a pulsão, na base dos mecanismos ali envolvidos. Fundamental, pois não se pode falar da especificidade do inconsciente freudiano, tão central na Psicanálise, sem articulá-lo com o conceito de pulsão. Afinal, junto ao inconsciente, as pulsões são, para Freud, as “duas descobertas fundamentais da Psicanálise” (Freud, 1917 apud Iannini, 2013, p. 98).

Talvez, o aspecto da pulsão que mais denuncie tanto essa complexidade, quanto sua importância, é o fato de se tratar de um conceito de caráter endógeno, mas também fronteiro entre o anímico e o somático, ou seja, entre o psíquico e o físico (Freud, [1915], 2013, p. 30). A pulsão, dessa maneira, seria equivalente a um estímulo psíquico, representante dos "estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal." (Freud *ibid*, p.32).

A vida de cada pulsão pode ser decomposta em ondas isoladas e singulares, apesar de homogêneas dentro de um fragmento de tempo. A onda pulsional primeira e originária prossegue sem alterações ou evoluções, mas as posteriores que se seguem a ela, experimentam modificações que, sucessivamente, apontam para uma imagem de um claro desenvolvimento da pulsão. Sua atuação é jamais "como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante" (Freud *ibid*, p.30) e também parcial, já que nesse movimento de ondas, podemos aludir a um circuito, em que a pulsão ambiciona o seu retorno.

Em seu texto "As pulsões e seus destinos", Freud ([1915], 2013, p. 32- 34) descreve também como as pulsões podem ser dissecadas em alguns fatores: pressão, meta, objeto e fonte. A pressão relaciona-se à soma de força de trabalho que a pulsão representa, em seu aspecto motor. A meta, por sua vez, se trata de almejar a satisfação, que potencialmente seria alcançada diante da suspensão do estímulo na fonte pulsional. O que mais varia nas pulsões são seus objetos, que é o meio pelo qual elas poderiam alcançar sua meta. Isso porque o objeto só se vincula à pulsão após uma atribuição de potência para satisfazê-la, não é ligado a ela num momento originário, mas sim mais posterior.

O objeto não se trata necessariamente de um objeto material estranho ao sujeito, podendo ser um tanto familiar, como uma parte do próprio corpo, por exemplo. É substituído inúmeras vezes no decurso vivido pela pulsão, ou seja, se desloca. De maneira semelhante, o mesmo objeto pode satisfazer simultaneamente mais de uma pulsão.

Já a fonte pulsional pode, muitas vezes, ser inferida ao observarmos sua meta, afinal, ao refletir sobre a satisfação almejada, revela-se também sua origem, que é somática. Quer dizer, por fonte somática, entende-se que o processo se localiza em alguma parte do corpo, num órgão ou membro, mas de maneira simultânea, ali onde o estímulo é originado, também passa a ser representado psiquicamente, por meio da pulsão.

Os destinos da pulsão, por sua vez podem ser a reversão em seu contrário, o retorno em direção à própria pessoa, o recalque e a sublimação (Freud *ibid*, p.36), os quais valem ser pontuados neste trabalho, mas que não serão explorados no presente momento. Diante de

todo o exposto podemos então dizer que a pulsão, em seu imaginário, impõe esforço ao viés psíquico, como uma consequência do impasse do corpo.

Deve-se destacar que aqui há uma distância conceitual clara entre pulsão e instinto, uma vez que esse último se trata de necessidade biológica, podendo ser posto como um “real dessexualizado”, com um objeto específico, enquanto a pulsão, por se impôr no anímico, realiza suas funções “por paradoxos e não por engates sequenciais (...)” (Santaella, 2013, p.90). Ou seja, se não dá pra falar de pulsão sem a implicação daquilo que é da ordem do psíquico, conseqüentemente, não é possível pensar sobre o conceito sem abarcar o papel da sexualidade no sujeito. Afinal, “a pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de maneira que se deve conformar com a estrutura da hiância que é a do inconsciente” (Lacan, [1964], 2003, p. 167).

Freud ([1915], 2013) afirma que “as moções pulsionais estão submetidas às influências das três grandes polaridades que dominam a vida anímica. Dessas três polaridades poderíamos designar a da atividade–passividade como a biológica, a do Eu–mundo externo como a real e, finalmente, a do prazer–desprazer como a econômica” (p. 47). A pulsão impõe uma interrogação: terei prazer ou dor? Justamente por isso talvez possamos observar um caráter irreprimível na pulsão, um “algo além” que a impulsiona.

Lacan (ibid) irá nomear isso dizendo que, na dialética pulsional, “outra coisa” comanda. A pulsão é dialética porque tem alvo e objeto, mas também porque retorna e é nessa sua forma invertida e cíclica que ela faz “aparecer o outro”. Outro este que, em sua demanda presente na linguagem articulada, nos significantes capazes de barrar a necessidade e produzir a pulsão, aponta para um sujeito que deseja um objeto que está sempre em falta, que é furado, inalcançável (Santaella, 2013). Por ser esse o caráter daquilo que deseja, é possível, então, continuar em estado de desejo, num ciclo infindável.

Por isso, pensar na satisfação da pulsão é compreender que ela não provém do encontro com o objeto, nem ao atingir o objeto, mas ao contorná-lo, pois ele não está presente a priori, decorre da história. É também nesse campo, da relação com o outro e o Outro, da demanda e do desejo, que podemos conceber projeções, identificações e a transferência, entre outros mecanismos.

Vale pontuar que essas articulações entre conceitos aqui propostos por Santaella (2013) têm correlação direta com a Semiótica Psicanalítica, que propõe uma interface entre ambas áreas do conhecimento, partindo do pressuposto de que toda forma de fazer psicanálise, também é uma forma de fazer semiótica. Para Cesarotto (2013, p. 38- 39): “a realidade humana pode ser lida como um texto, sob a ótica da semiótica, e escutada como um discurso, na perspectiva da psicanálise. A Semiótica Psicanalítica, por sua vez, constata as

consequências psíquicas dos signos culturais”. Essa é também a perspectiva que adotamos nesse trabalho, pois nos interessa pensar a pulsão, conceito psicanalítico, também por uma perspectiva do significante e do significado, que esbarra na semiótica.

A partir do pressuposto de que a pulsão revela um Outro, é possível introduzir a pulsão invocante que, em sua especificidade, evidencia mais acerca dessa dialética. A pulsão invocante é uma das pulsões que veio a ser elaborada conceitualmente por Jacques Lacan (1901-1981), em concomitância com a pulsão escópica. Nela, os objetos que circulam são a voz, que serve de suporte à linguagem, e o som.

São a partir desses objetos circulantes que somos remetidos a representantes psíquicos que somente vivências subjetivas podem atribuir. Por isso, em um primeiro momento, ao nos voltar para o invocante, uma pronta ligação possivelmente a ser feita é com a noção de memória, já que ao pensar no que é invocado, entendemos que algo se reproduz no campo do Imaginário, que algo é relembrado. Contudo, há mais na pulsão invocante do que essas primeiras associações são capazes de intuir.

Paul-Laurent Assoun (1995, p. 14) irá pontuar algo interessante neste sentido em seu livro “Lições Psicanalíticas sobre o Olhar e a Voz” que “a psicanálise interroga a seu modo, paradoxal e radical, este duplo pertencimento do sujeito inconsciente à ordem do olhar-aquele que vê e aquele que é visto- e na ordem da palavra - falante e falado-. Sob o olhar e a voz; se amarra o destino do seu sintoma e do amor, duas faces do inconsciente” (traduzido livremente). Em outro momento irá afirmar que “o olhar e a voz são dois objetos suplementares (...)” que possibilitam “a função do desejo/demanda e função do Outro” (Assoun, 1987 apud Queiroz, 2005, p. 92).

Retomando os esboços iniciais acerca deste conceito, Lacan enuncia a pulsão invocante do seguinte modo:

"Depois do se fazer ver, trarei um outro, o se fazer ouvir, de que Freud nem mesmo nos fala. É preciso que, muito depressa, eu lhes indique sua diferença para com o se fazer ver. Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar. Enquanto que o se fazer ver se indica por uma flecha que verdadeiramente retoma para o sujeito, o se fazer ouvir vai para o outro. A razão disto é de estrutura, importava que eu dissesse de passagem." (Lacan, [1964], 2003, p.184).

Aqui nos deparamos com uma distinção importante entre ver e ouvir, em que esse último destaca a importância da alteridade: só há escuta se há um outro que diz, só é possível ser ouvido se há outro para escutar. Não é possível falar dessa dinâmica sem voltar ao Estádio do Espelho (Lacan, [1949], 1998, p. 93-103). Em um primeiro momento, associamos o

espelho à imagem e ao olhar, uma vez que este é o primeiro esboço do eu como função imaginária, o olhar desenvolvido pela mãe ou pelo cuidador refletem o olhar do olhado, ou seja, da criança. É a partir do olhar do Outro que se compreende que existe um eu, que existe um corpo a que lhe pertence.

O eu se situa, dessa forma, no registro do Imaginário, se posicionando contra qualquer ideia de uma suposta autonomia do eu. É nesse lugar de desconhecimento e alienação que o sujeito começa a se constituir. A partir daí, começa a estabelecer uma diferença entre o seu corpo e o mundo exterior: contorno que possibilita situar o que é e o que não é do eu. Contudo, para além do olhar, tão marcado quando usamos a analogia do espelho, há também em lugar de mesma importância nesse processo a palavra, a voz, a fala do Outro. Isso porque, antes mesmo de ser, somos colocados imersos em um discurso, discurso esse que é de um outro, marcado também por seu desejo (Lacan, [1953b], 1998, p. 259-262).

Além do conteúdo desse discurso, há também a sua forma. A criança introjeta e, depois, incorpora, as diferenças de fonação, seja o tom, seja a vibração da voz, como em um jogo musical daqueles que lhe falam. Afinal, a voz é o que marca, na linguagem, o particular de cada ser humano. É no som da voz que somos direcionados ao Imaginário, que captamos os significantes puros, sem significado algum. Mesmo sem a compreensão semântica, o som por si só sempre comunica. Essa experiência, portanto, se trata do reconhecimento de si perante a um outro, outro este que se faz presente não só ao ser visto, mas ao dizer e nomear, ao escutar os sons e, posteriormente, ditos desse sujeito. É assim que cada um de nós percebeu, lá atrás, que tinha um nome, e que ele é próprio.

De certa maneira, assim, se parte da noção de que, por meio do invocante, se tem uma das experiências mais aproximadas do inconsciente, no sentido de perfazer as condições de sua incidência enquanto aquilo que pertence ao sujeito, mas “só se realiza do lado de fora, ou seja, nesse lugar do Outro que é o único onde o sujeito pode adquirir seu estatuto” (Lacan [1964], 2003, p. 140). Essa perspectiva também está presente na base da clínica psicanalítica: “antes que Lacan isolasse o objeto vocal e a pulsão invocante que lhe é correlata, Freud teve um encontro inicial com a voz na hipnose, isto é, com a voz de comando e seus efeitos sugestivos sobre o sintoma. Trata-se dos poderes diretivos da voz, que funciona imperativamente (...).” (Bastos, 2014, p. 61)

Se normalmente “fala-se para ouvir palavras que encubram a voz objetual, a clínica psicanalítica, na contracorrente, convida a uma experiência com a voz não encoberta pelo canto das palavras, cuja significação erige um véu à dimensão do objeto vocal. Essa experiência permite destacar e tratar a voz imperativa, com a condição de não se tecer sobre ela uma trama significativa que produza sempre mais sentido.” (Bastos *ibid*, p.62).

No invocante, dessa maneira, está em jogo tanto ouvir a voz do Outro, quanto fazer-se ouvir pelo outro. Essa circulação de som, voz e linguagem é o próprio cerne da intimidade das nossas relações, está posto estruturalmente desde a dinâmica do Estádio do Espelho e ao longo de toda nossa vida. É esse aspecto do real do sujeito que causa sua divisão. No esforço por encontrar o objeto perdido, se vê imerso em uma insistência repetitiva, em que o objeto é a causa-motor, o olhar, a voz. E isso é próprio dos movimentos da pulsão, “uma vez que ela não tem outro objeto senão o objeto perdido, *a* minúsculo”. Não há desfecho nesse campo de pura atividade, em que se dá “a reencenação de um movimento guiado por algo obscuro, fragmentário, impossível” (Santaella, 2013, p. 103- 104). “Assim, a passividade da pulsão é fundamentalmente ativa. Ela se volta, não permanecendo nem no movimento do ‘comer’, nem no passivo ‘ser comido’, mas somente no ato pulsional completo de ‘se fazer ser comido’.” (Santaella, *ibid*).

Desse modo, ao observar a atuação pulsional, se destaca algo de indizível, incontornável, que não se pode acessar e que, portanto, é próprio do registro lacaniano do Real. Pode-se afirmar que o Real é puro efeito. É uma outra dimensão, distinta da realidade, que rompe com a linearidade e com a noção de tudo que está tido como certo (Lacan, [1953a], 2005). Por isso, o Real que emerge diante do invocante se impõe, mesmo que careça de sentido, sendo inacessível, inalcançável, escapável. Algo presentificado na eventualidade nos abala e, definitivamente, nos transforma, mesmo que não possamos transcrever em palavras. O Real aponta para aquilo que não estamos preparados para ouvir. Mais do que um atravessamento dado no instante fortuito, perpassar por algo da ordem do Real gera marcas, nos constitui, nos funda.

Se na pulsão invocante, o que circula é o som e, conseqüentemente, o que é escutado, aqui, o sujeito se torna objeto daquilo que, mais precisamente, escuta. A irrupção repentina do conhecido nesse instante fortuito, suspende todo o resto, exceto o puro efeito do Real. Efeito esse que é pulsão, e é acaso. O acaso pode ser pensado como uma ocasião imprevista que produz um fato. O fortuito, apesar de semelhante, apresenta um traço próprio, uma vez que sua raiz etimológica pode ser encontrada “fortuna”, remetendo a destino, acontecimento. Pensar nesse caráter do Real aponta para uma lógica não estrutural, mas fenomenológica. Quer dizer, quando Lacan propõe estruturas em sua teoria, o faz na busca por compreender o fenômeno. Do mesmo modo, é por meio da observação do fenômeno dado a partir da pulsão invocante que buscamos esboçar algo a respeito dos efeitos do Real no sujeito do inconsciente.

Naquele instante, o sujeito se encontra cativo do que auditivamente o invoca. Após o suspense, vem o susto, o grito ou o suspiro de alívio. Quer dizer, ao ouvir um ruído ou uma

onomatopeia de caráter indefinível, nos vemos diante da sensação, em seu puro estado. Mas, passado esse momento de suspensão de todos os outros traços, e da sensação por si só, vem a emoção. Algo que então emerge desse lugar disruptivo são as palavras ditas e ouvidas ao longo dos caminhos que percorremos. As experiências que vivenciamos vêm para nos confrontar, moldar e transformar, eventualmente também se convertendo em lembranças. Aqui adentramos no registro do Imaginário.

Afinal, esse movimento até pode ser presentificado, mas são nas memórias, ou seja, no processo de trazer para o agora uma vivência prévia, que estabelecemos ligações entre o que foi vivido e o que estamos vivendo agora, bem como aquilo que ainda idealizamos viver. Esse exercício de rememorar, que pode se dar num segundo momento diante do invocante, presentificado num estímulo externo, num Outro, convoca a nos questionar o quanto essas experiências que nos fisgam pelo caminho da vida parecem ter uma contribuição extremamente importante para nossa constituição como sujeitos.

O quanto mudamos ou permanecemos quando algo lá fora nos inquieta ou aquieta. O quanto somos transformados toda vez que rememoramos vivências, que já não são o que foram, lá atrás, mas passam a ser outra coisa, agora que o eu do presente vislumbra o que passou, com outros olhos, ou ouvidos. Como que esses estímulos externos ativam memórias, lembranças e laços afetivos e, assim, contribuem para a identificação de nossos desejos.

Uma vez que esses efeitos se dão, entra em cena uma experiência já mediada e filtrada por meio de um laço, de um compromisso afetivo que consolida o vivido. Aqui se trata do registro do Simbólico, em que é possível dar nome, elaborar, refletir e até mesmo, sublimar¹ tudo que pode ser potencialmente gestado diante do que há de mais fortuito na pulsão invocante. Fica o sentimento, a afeição.

Se aqui descrevemos os três registros diante da pulsão invocante como cronologicamente localizados, vale pontuar, todavia, que na vida a relação entre eles é muito mais concomitante e misturada. Afinal, apesar de nossa ênfase dada ao Real neste momento, só existe possibilidade de esclarecer essas nuances se não nos esquecermos de que nos referimos ao nó borromeano, que o próprio nome assinala para um amarração que se dá entre Imaginário, Simbólico e Real. Santaella (2013) indica que, “(...) embora a pulsão esteja sob dominância do real, o imaginário e o simbólico, de fato, nela também se fazem presentes” (p. 107) Quer dizer, não se pode falar de imagem, sem se referir ao som; não se pode falar da falta, sem pensarmos em desejo.

¹ A Sublimação, como um dos destinos da pulsão, busca atingir um alvo não sexual, através de um desvio das forças pulsionais sexuais. Esse alvo normalmente consiste em atividades social e culturalmente valorizadas, como a ciência, o esporte e a arte. Ligada ao desejo, a sublimação impulsiona criações humanas e o humor, como modo de combate ao sofrimento (Mendes, 2011).

Na busca por melhor entender tudo isso lançaremos mão do livro autobiográfico “O acontecimento” de Annie Ernaux. Nela, a autora rememora um evento marcante de sua vida, relatando as sensações geradas diante do senso fortuito deste ocorrido, as emoções que se desenvolveram ao longo do processo vivido e que permaneceram depois, no decurso de sua vida, e o sentimento que ficou, agora que se propõe ao exercício da escrita a fim de elaborar tal acontecimento.

1.1 A Escuta como um Acontecimento na trama narrativa

Em 1963, Annie Ernaux era então uma estudante universitária de 23 anos, que engravida do namorado que acabara de conhecer. Sem poder contar com o apoio dele ou da própria família numa época em que o aborto era ilegal na França, ela vive praticamente sozinha o acontecimento que tenta destrinchar neste livro quarenta anos depois, quando já é uma das principais escritoras de seu país. É por meio de visitas ao seu diário sucinto da época, bem como acessando as próprias lembranças, que Ernaux descreve a experiência que lhe chacoalhou e atravessou de tal maneira que, no momento em que se deu, não havia palavras.

Sua origem era simples. Filha de pais comerciantes, o ingresso na universidade havia antes representado o escapismo de um destino dado: “eu estabelecia confusamente uma ligação entre minha classe social de origem e o que estava acontecendo comigo. (...) nem o vestibular nem a graduação em letras puderam alterar a fatalidade da transmissão de uma pobreza a qual a filha grávida era, da mesma forma que o alcoólatra, o emblema. (...) o que crescia em mim era, de certa maneira, o fracasso social.” (Ernaux, [2000], 2022, p.17). Se ser estudante representava uma possibilidade de se ver livre e construir um futuro divergente do de seus pais, em que lecionaria e escreveria, se descobrir grávida implicava uma brusca retomada da pobreza, tanto social, quanto em outros tantos níveis.

O contexto prévio ao acontecimento era aquele da descoberta de um mundo mais amplo, distante da mercearia dos pais, em que era possível expandir as fronteiras intelectuais, bem como explorar as possibilidades de seu próprio corpo, sua sexualidade, o prazer e a tensão que brota de tudo isso: “minha vida se situa, então, entre a tabelinha e o preservativo de um franco vendido nas máquinas. É uma boa maneira de medi-la; mais segura que outras, pra dizer a verdade” (Ernaux, [2000], 2022, p.6).

Todavia, a gravidez rompe com essa noção, ou melhor, expande a tensão a ponto de angústia. Já não era possível apenas seguir com a continuidade daqueles dias. É curioso como a narrativa aponta o paradoxo de como é justamente de uma relação de prazer que se cria uma situação das mais doídas e, portanto, desprazerosas. Na página 6, descreve: “o enlace e a

gesticulação dos corpos nus me soavam como uma dança da morte (...). No entanto, eu não conseguia ver relação entre isso, os gestos, a tepidez da pele, do esperma, e o fato de estar ali. Pensei que nunca haveria nenhuma relação entre o sexo e outra coisa” (Ernaux *ibid*) e, já na página 11, diz de modo ainda mais claro e sucinto: “(...) eu estava ali e não sabia que estava engravidando”.

A partir do momento em que começa a desconfiar que algo estava “errado”, nos dias seguidos ao atraso de sua menstruação, apenas rabiscava “nada” na agenda, em letras maiúsculas e sublinhado. Esta repetição de dias, talvez semanas, denota a angústia carregada na suspeita, a tentativa de negar a concretude do que se dava. Quando, entretanto, a gravidez foi confirmada após uma ida ao médico, descreve que “(...) nunca empregava os termos que a designam, nem ‘estou esperando um filho’, nem ‘grávida’, muito menos ‘gravidez’, que rima com ‘estupidez’. Eles implicavam a aceitação de um futuro que não se realizaria. Não valia a pena dar um nome para algo ao qual eu tinha decidido dar um fim” (Ernaux, *ibid*, p. 16).

Depois, em diversos momentos refere-se à gravidez como “essa coisa” (Ernaux *ibid*, p. 21). Era difícil nomear o que vivia por aquilo que de fato era. Talvez porque na palavra “gravidez” não pudesse expressar tudo que estava contido na experiência por ela atravessada. Por isso, fala que é uma “coisa”, um “acontecimento”. O termo que escolhe não é desproposital. “A coisa” é tema de muita discussão filosófica, e Lacan irá discorrer longamente sobre o tema.

Aqui destacamos pontualmente uma de suas citações que dialoga com esse fragmento da narrativa de Ernaux: “*Das ding* é originalmente o que chamaremos de o fora-do-significado. É em função desse fora-do-significado e de uma relação patética a ele que o sujeito conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recalque (...)” (Lacan, [1988], 2021, p. 70). Annie chama o que está enfrentando de “a coisa”, pois é justamente algo que escapa ao sentido, que está “fora-do-significado”.

Quer dizer, neste momento e, além, ao longo de toda sua busca por realizar um aborto clandestino, diante da dor, do medo e do sofrimento, Annie era toda pura sensação e emoção, mas ainda não tinha simbolizado, não tinha verdadeiramente nomeado o que vivia. O que lhe acontecia ainda estava fora-do-significado. É assim que, quando recebe um papel do consultório médico comprovando a gravidez, sendo portanto possível ler a concretude do que vivia, rasga o escrito: “Recebi no dia seguinte. Parto de: *Senhorita Annie Duchesne*. Previsto para: *8 de julho de 1964*. Vi o verão, o sol. Rasguei o documento.” (Ernaux, *ibid*, p.11).

Em determinado momento, diz ter a impressão de estar “grávida com abstração” (Ernaux, *ibid*, p.36). Ao encostar na barriga sabe que ela ali está, e sabe que, se deixasse o

tempo passar, em julho uma criança sairia de si. Mas não a sentia. Annie parece mergulhar primeiro em uma negação, para então uma gradual aceitação, que a impeliria ao movimento. Primeiro volta ao consultório médico, fazendo alusões ao seu desejo de “resolver o problema”. O médico é evasivo, nada pode fazer. Faz outras tentativas, com outros médicos, sem sucesso. Um deles lhe receita uma medicação que poderia enfraquecer o feto mas, mais pra frente, Annie descobrirá que o efeito era precisamente o contrário.

Nesse período, “o tempo deixou de ser uma sequência insensível de dias a serem preenchidos (...). Tornou-se uma coisa sem forma que avançava dentro de mim e era preciso destruir a todo custo” (Ernaux, *ibid*, p. 16). Sentindo-se sem saída, decide agir sozinha. Vai ao cinema com as amigas naquela noite e passa todo tempo tensa, pensando no que iria fazer: “diante de uma carreira destruída, uma agulha de tricô na vagina não pesava muito” (Ernaux, *ibid*, p.25). Contudo, na hora da tentativa, não consegue ir até o fim, se desespera, se sente incapaz. É então que decide procurar ajuda de terceiros. O colega Jean T., por exemplo, envolvido em pautas mais progressistas na universidade, parecia ser uma porta de entrada para, bem, uma saída.

Ele de fato conhecia alguém que tinha feito um aborto, mas foi após umas tantas voltas que Annie pode então contatá-la. Jean T. tenta se aproveitar do fato de Annie já estar grávida, para se relacionar com ela, mas não é bem-sucedido. Outros, por sua vez, tentam dissuadi-la de seguir em frente. Por um lado, o desejo que a impelia a falar de sua situação fazia com que não se importasse com as ideias e julgamentos daqueles em quem confiava: “na impotência em que me encontrava, esse era um ato - cujas consequências me eram indiferentes - por meio do qual eu tentava arrastar o interlocutor para a visão estarrecedora do real.” (Ernaux, *ibid*, p. 34). Por outro, ao escutá-los, Annie percebe uma “imensa perturbação, uma fascinação assombrada. Meu desejo de abortar suscitava uma espécie de sedução. No fundo, para O., André, Jean T., meu aborto era um história da qual não se sabia o fim” (Ernaux, *ibid*).

Foi através da conhecida de Jean T. que Annie consegue, enfim, o contato de uma “fazedora de anjos”. A descrição do que se deu, então, é clara, a narrativa nada esconde: “houve uma dor atroz. Ela dizia ‘pare de gritar, querida’ e ‘eu preciso fazer meu trabalho’, ou talvez outras palavras que queriam dizer a mesma coisa, a obrigação de ir até o fim. (...) Eu chorava. Parei de sentir dor, apenas uma sensação de peso no ventre. (...) Tomamos café na cozinha. Para ela também tinha sido difícil, mas estava feito. Não lembro em que momento dei o dinheiro” (Ernaux, *ibid*, p. 47). Dias depois, ainda “nada acontecia”, foi preciso voltar, mais uma vez, para enfim, encerrar o que havia começado.

Já no dormitório da universidade, sente muita dor, até que, no banheiro, o feto é expelido. Com a ajuda de uma colega, corta o cordão umbilical. Perde muito sangue e é levada ao hospital: “com a entrada em cena do médico, começa a segunda parte da noite. De experiência pura da vida e da morte, ela se tornou exposição e julgamento.” (Ernaux, *ibid*, p. 57). O médico é agressivo e irônico na sala de cirurgia, no dia seguinte, se mostra arrependido. Não fazia ideia de que ela era uma estudante universitária. Isso, mais a frase de consolo pronunciada por uma das enfermeiras, de que ela estaria “bem mais tranquila assim”, Annie atribui a “uma aceitação das ‘pessoas humildes’ pelo direito dos ‘superiores’ de se colocarem acima da lei” (Ernaux, *ibid*, p.61).

Alguns colegas a visitam no hospital, inclusive a moça que lhe deu o contato da fazedora de anjos. Elas comparam os seus abortos e dão risada, como se assim pudessem alterar o peso de todo aquele acontecimento. Dali: “eu me sentia salva. Eu andava pelas ruas com o segredo da noite do dia 20 ao 21 de janeiro em meu corpo, como uma coisa sagrada. Não sabia se tinha estado à beira do horror ou da beleza. Sentia orgulho. Provavelmente o mesmo dos navegantes solitários, dos drogados e ladrões - o de ter ido até onde os outros jamais pensariam em ir. Com certeza foi algo desse orgulho que me fez escrever este texto” (Ernaux, *ibid*, p.65).

É isso que a escrita da obra proporciona: a tentativa de simbolizar, anos depois, o que lhe era escapável e que silenciou em si, ao mesmo tempo em que descreve justamente a sensação de ser atravessada pelo Real: “(...) essa exploração vai se inscrever na trama de um relato, o único capaz de recuperar um acontecimento que era apenas tempo dentro e fora de mim” (Ernaux, *ibid*, p. 13). Podemos, por meio da Arte, compreender mais além o que estaria contido na pulsão invocante, a partir da ótica do Real, do Simbólico e do Imaginário

Tudo o que foi invocado durante essa narrativa, tudo o que atravessou Annie à época do acontecimento, gerou marcas, umas mais ocultas, outras deixadas mais à vista. Pode-se dizer que Annie sentiu na pele a pulsão invocante lhe atravessar ativamente naqueles dias, seja nos ditos dos terceiros e nas palavras que remetiam a outra coisa, seja no sentimento puro, vazio de simbolismo. Foi somente décadas depois que Annie Ernaux foi capaz de, em sua obra, trazer contorno para essas vivências, sublimar e elaborar. Ao longo deste trabalho, voltaremos a esta trama narrativa para melhor trabalhar esta noção de que a pulsão invocante, presente no acontecimento fortuito, também contribui para a constituição do sujeito do inconsciente.

1.2 La Mise-En-Scène da Pulsão Invocante no Livro O Acontecimento

Não raro, ao observarmos os caminhos percorridos em nossas vidas, podemos identificar cenas em que algo que se desenrola “lá fora” na concretude, nos remexe e nos remete ao que estamos, naquele instante, enfrentando psiquicamente. Se trata não somente da escuta, que nos atravessa e mobiliza, mas, mais precisamente, dos momentos em que a pulsão invocante se presentifica. Como já afirmado, em “O Acontecimento” não é diferente. Annie Ernaux nos apresenta um fragmento de sua vida cheio de invocantes e, seja como causa, seja como consequência, toda a sua ambivalência como sujeito.

Elegemos alguns trechos que denotam essa posta em cena, ou seja, o modo como se constrói na narrativa o posicionamento de elementos físicos e psíquicos que apontam para o invocante da pulsão. Uma primeira cena se trata de um momento no início do livro, em que Annie ainda tinha esperanças de que sua menstruação apenas estava atrasada e logo desceria. Ela vai ao cinema e assiste a um filme “italiano em preto e branco”, intitulado “O emprego”. Se trata da história do primeiro emprego de um jovem num escritório. Ernaux denota que o filme era “lento e triste” e que a sala de cinema estava “quase vazia”. Eis a cena: a personagem do livro, em angústia, num misto de esperança e desesperança perante o que estava por vir em sua vida, assiste um filme em preto e branco, triste e lento, numa sala vazia. Diz: “vendo o corpo frágil, numa capa de chuva, de um funcionário menor, suas humilhações; diante da agonia sem esperanças do filme, eu soube que minha menstruação não desceria” (Ernaux, *ibid*, p.8).

O corpo do rapaz, personagem do filme, é frágil, denotando a fragilidade também do corpo da moça, Annie, a personagem autobiográfica do livro. Ele é humilhado no trabalho, ela também sente a sua “agonia sem esperanças” e é no lugar de espectadora da vida deste outro, que passa a pressentir algo da própria vida: essa angústia aponta para o fato de que sua menstruação não desceria. Nessa cena fica claro como algo concebido e idealizado por um outro, seja uma música, um quadro, seja um poema ou um filme, como é o caso, é capaz de nos fisgar e comover, porque ocorre uma identificação com um sentimento, uma ideologia, uma estética, ou um pensamento (Morin, 2014, p. 109-115). Annie escuta na cena de desesperança do rapaz em seu primeiro trabalho, a própria desesperança, a própria angústia.

Em uma segunda cena, Annie vai a uma primeira consulta médica, que viria confirmar a gravidez, “com toda a certeza”. O que pensava ser um problema de estômago, na verdade se tratava de náuseas. É nesse momento que o médico lhe receita injeções para “fazer a menstruação descer”, o que mais tarde se provou ter o efeito contrário, o de fortalecer o feto. Na saída, a narradora descreve que “(...) na porta, [o médico] sorria com um ar jovial, ‘os filhos do amor são sempre os mais bonitos’. Era uma frase horrorosa. Voltei a pé para a

cidade universitária. Na agenda, consta: ‘Estou grávida. Que horror’.’ (Ernaux, [2000], 2022, p. 10).

A fala do médico de que “os filhos do amor são sempre os mais bonitos” invoca muitas alusões. Uma delas seria de que, por se tratar de uma gravidez indesejada, a relação que a originou deveria, ao menos, ser permeada de amor, ou talvez justamente por isso: se não esperava estar grávida, é porque muito amou. O que parece ser uma tentativa de consolo ou, no mínimo, de uma frase bem-humorada, no tom de: “não se preocupe, pode não querer estar grávida, mas ao menos seu filho, por ser fruto do amor, será o mais bonito”, gera em Annie o sentimento de “horror”. O filho ser ou não bonito não tinha qualquer importância, pois não desejava esse filho. Assim, a frase construída como foi lhe chega aos ouvidos como um asco, uma repugnância, puramente horrorosa. Faz o percurso de volta à cidade universitária, escreve na agenda que está grávida e isto é... um horror.

Após esta constatação, afirma que “os meses seguiram banhados por uma luz embaçada e pálida. Eu me vejo nas ruas andando sem parar.” (Ernaux, *ibid*, p. 12). A seleção de palavras para essa descrição não parece nem um pouco acidental. Se a “luz” dos meses seguintes à certeza de estar grávida era “embaçada” e “pálida”, isto facilmente pode nos remeter a algo como uma confusão psíquica, a uma falta de clareza. Andava sem parar porque se sentia inquieta, sabia que algo precisava ser feito, mas ainda não era possível pôr em palavras, ainda que fosse apenas em pensamento.

Logo em seguida afirma que “todas as vezes que pensei nesse período, me vieram à mente expressões literárias como ‘a viagem’, ‘além do bem e do mal’, ou ainda ‘viagem ao fim da noite’. Elas sempre me pareceram corresponder ao que vivi e senti naquele momento, algo indizível e de certa beleza. Há muitos anos estou às voltas com esse acontecimento da minha vida. Ler o relato de um aborto em um romance me arrebatava, num sobressalto sem imagens nem pensamentos, como se as palavras se transformassem instantaneamente em sensação violenta.” (Ernaux, *ibid*). Chama atenção o que chama de “expressões literárias”. Todas elas remetem a uma espécie de jornada que, caminhando naqueles dias, ela parece enfrentar.

Quando então afirma que o que viveu e sentiu naquele momento era algo de “indizível”, podemos denotar o caráter do Real, daquilo que é da ordem do impossível, que não se pode simbolizar (Lacan, [1953a], 2005). Ao falar da “beleza” que se expressava junto do “indizível” também aponta para esse algo que não se define, e é puro efeito. Annie estava imersa no real da sensação, na sensação do Real. Acrescenta, enfim, que até o momento em que escreve sua história, ler um relato de aborto em algum romance a “arrebatava, num sobressalto sem imagens nem pensamentos”. Assim, com todas as letras, aponta para esse

efeito do Real do invocante: “as palavras” se transformam de modo instantâneo em “sensação violenta”.

Esse é um movimento interessante: da palavra narrada na forma de romance, ou seja, do Simbólico, as letras passam a desmanchar-se, transformadas em sensação experimentada na pele e, então, convertendo-se em Real. Isso é pulsão pura. Algo semelhante pode ser observado em um dos momentos que antecedem o maior ponto de tensão do relato, Annie está em um café e vai ao banheiro. Diz: “olhei para mim mesma no espelho da pia, pensando algo como ‘é comigo que isso está acontecendo’ e ‘eu não vou aguentar’ (...). Não tinha imaginado que eu poderia estar ali.” (Ernaux, *ibid*, p. 45- 46).

Nessa cena, mirar a própria imagem no espelho parece implicar algo um tanto curioso: é pelo olhar que procura dar um sentido à uma concretude difícil de assimilar, quando a compara com a imagem que tinha previamente de si. A constituição imaginária do eu se dá a partir deste lugar de desconhecimento e alienação. Annie, deste modo, sente um estranhamento, uma incoerência entre quem imaginava ser e aquilo que estava lhe acontecendo. O espelho, aqui, é um invocante; e é também no reflexo de si que é possível denotar sua ambivalência, como sujeito: não podia imaginar que ela, sendo ela, poderia estar ali. Todavia, estava, era com ela que aquilo estava acontecendo.

Essa cena do espelho é a que antecede a chegada no apartamento da fazedora de anjos. Logo que chega ali é levada ao quarto em que o aborto seria feito: “chego até a imagem do quarto. Ela excede a análise. Só posso mergulhar nela.” (Ernaux, *ibid*). Mais uma vez, a imagem invoca a sensação, não há palavras, não é possível analisar. Contudo, disso, Ernaux afirma que: “se eu tivesse de representar por um único quadro esse acontecimento da minha vida, pintaria uma mesa pequena encostada na parede, coberta de fórmica, com uma bacia esmaltada onde flutua uma sonda vermelha. Ligeiramente à direita, uma escova de cabelo. Não creio que exista um *Ateliê da fazedora de anjos* em nenhum museu do mundo”. (Ernaux, *ibid*, p. 49). Os elementos: a mesa, a bacia, a sonda, a escova de cabelo não são eleitos aleatoriamente. Se naquele instante, Annie se via cheia de sensações e vazia de sentidos, posteriormente é capaz de reconhecer nesses objetos um simbolismo próprio que no momento do acontecimento, lhe era fugidio.

Essa noção de que no instante do acontecimento, algo de um sentido escapava, tem seguimento no momento em que deixa o apartamento: “lá fora, tudo se tornou subitamente irreal. (...) É uma cena lenta, o dia não está muito claro. Nada da minha infância ou da minha vida de antes me conduziu até ali. (...)”. (Ernaux, *ibid*, p. 48). Mais uma vez, denota-se uma ambivalência: nada do que viveu até então lhe indicava que seria atravessada por essa experiência. Dias depois, quando o feto é expelido, descreve o que se deu como “(...) uma

cena sem nome, a vida e a morte ao mesmo tempo. Uma cena de sacrifício.” (Ernaux, *ibid*, p. 56). Não há nome, pois, mais uma vez, a sensação do vivido extrapola o mundo do Simbólico.

Depois do acontecimento, caminha pelas ruas e “os rostos dos transeuntes, os carros, as bandejas na mesa do restaurante universitário, tudo que eu via parecia transbordar de significados. Mas, justamente por causa desse excesso, eu não conseguia compreender nenhum. Havia, de um lado, os seres e as coisas, que significavam até demais; e, de outro, as frases, as palavras, que não significavam nada. Eu estava em um estado febril de consciência pura, além da linguagem, que a noite não interrompia” (Ernaux, *ibid*, p.64). Gradualmente, Annie pode retornar ao mundo dos signos e sentidos junto com todos os outros. Se permeando o Real, se via imersa num fora-do-significado, isento de sentido, agora fala de um “excesso de significado”. Ainda assim, as palavras naquele momento eram escutadas como ocas, vazias. Seria preciso um longo processo de dar nome para, enfim, elaborar o vivido.

CAPÍTULO II

A audição perceptiva e a escuta reflexiva do acontecimento na constituição do sujeito do inconsciente

Se a pulsão invocante está localizada no se fazer ouvir, a partir disso levanta-se uma pronta questão: este ouvir se trata de audição perceptiva, ou de uma escuta reflexiva? A primeira se encontra no nível somático, localizado no material do corpo, atravessado pelo som que chega aos ouvidos. Já a segunda está em um campo subjetivo, o som passa pelos ouvidos e não fica no campo de uma mera reação, perpassa o psíquico, acarreta o simbólico. A percepção auditiva implica perceber o som, a reflexão que pode emergir desse atravessamento, é a escuta.

Como já referenciado neste trabalho, algo acontece quando um estímulo externo, seja uma música, uma cena de um filme, ou a voz de alguém, é invocado. É como se o mundo passasse a falar conosco e, desse modo, nos sentimos como que capturados e transportados de onde estamos, deixamos de ocupar a posição de sujeito, e nos colocamos no lugar de “outro”. Ao mesmo tempo, o objeto (a música, o filme etc.) passa a assumir uma posição de sujeito. Desta maneira, nos deparamos aqui com a dissolução da dicotomia sujeito-objeto.

A noção freudiana, do sujeito estar localizado num âmbito intrapsíquico, e do objeto se encontrar fora da psique, é transposta aqui. Se é mediante a cena inesperada que se dá “lá fora”, no mundo, no concreto, que algo de “dentro” é invocado, o sujeito é, assim, efeito da cadeia de significantes que se vão inscrevendo conforme se caminha vida afora. A partir dessa perspectiva, é interessante retomar que o inconsciente, mais do que nas profundezas impenetráveis “dentro” do eu, pode muito bem estar “fora”, nas ruas. Se dissolve a noção de um “eu-dentro” e um “outro-fora”, pois ambos se confundem, se misturam: um não pode ser sem o outro. Ao se voltar para o Outro, por um instante que for, o sujeito então depara-se com algo revelado a seu próprio respeito.

Se na pulsão invocante, o que circula é o som e, conseqüentemente, o que é escutado, aqui, o sujeito se torna objeto daquilo que, mais precisamente, escuta. E se nessa escuta que nos atravessa, nos deparamos justamente com o Real, que é aquilo que escapa, que não pode

ser definido, nem nomeado, mas que concomitantemente nos chacoalha, nos impacta, pode-se dizer que ele próprio já se apresenta como uma grande questão. Mas, se possível enunciar que o Real é aquilo que não estamos preparados para ouvir, aqui nos interessa pensar de que se trata o Real da pulsão invocante.

Um conceito que podemos vincular a este atravessamento do Real é justamente a noção do inquietante, ou infamiliar, cunhado por Freud. Trata-se daquilo que é uma “espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo” (Freud, [1919], 2019, p.33). O inquietante é aquilo que, a partir do novo e inesperado, provoca um susto, ao mesmo tempo que remete a um elemento com o qual já se havia deparado antes e gerou uma mobilização interna na época. Ao ir ao encontro daquilo que provoca estranhamento e desconforto, defronta-se também com o já conhecido e que foi então reprimido, ou seja, toca-se, uma vez mais, a emoção vivenciada naquele primeiro momento.

Quando somos mobilizados pela pulsão invocante, algo do Real se revela porque encontramos também algo do inquietante nesta vivência. Ouvimos nos ouvidos, mas escutamos o emaranhado que são nossas lembranças, traumas e cadeias significantes que compõem nosso sujeito do inconsciente. Segundo Freud ([1919], 2019, p.77): “(...) o fator da repetição involuntária é aquele segundo o qual até mesmo o inofensivo se torna *infamiliar*, impondo-nos a ideia do fatídico, do inescapável, onde nós até então falávamos de ‘acaso’”. É curioso como aqui opta pelo termo “inescapável”, algo que nos remete muitíssimo ao Real lacaniano. Do mesmo modo, também menciona o “acaso”, ao mesmo tempo que diz do “fatídico”, termos que traduzimos no presente trabalho em “acontecimento fortuito”.

2. 1 O Tempo Lógico do Acontecimento

Nesse ponto vale destacar que, não somente nas cenas selecionadas neste presente trabalho, mas em toda obra, a autora trabalha com uma noção temporal que, por mais que perpassa a uma ordem cronológica, não se detém a mera descrição de eventos que antecedem ou sucedem o acontecimento, mas também com a noção do tempo Kairós, que implica em uma revelação de sentido semiótico. Explorado por Lacan, e por ele conceituado como tempo lógico, essa perspectiva temporal é vinculada ao tempo do inconsciente. Por exemplo, apesar de se deparar com a notícia da morte da irmã Sorriso depois de muitos anos, é deste modo que Ernaux resgata o momento em que percorria as ruas da cidade a procura de um médico e os contornos que ali evoca, denotam que apesar da passagem temporal ter sido significativa, inconscientemente, é como se o tempo não tivesse passado. Na segunda cena, imersa no escapável do Real, Annie se encontra em um tempo sem tempo, em que os anos que marcam

a idade cronológica são irrelevantes.

Ao longo da narrativa, Ernaux recorre a interpelações entre parênteses, de maneira a pontuar os atravessamentos que experimenta ao revisitar o acontecimento de sua juventude, no momento da escrita, muitos anos mais tarde. No registro que se propõe a fazer, assume o tempo de representação do vivido, que nada mais é do que o tempo de representação das pulsões. O acontecimento de Annie Ernaux, assim como todos os acontecimentos, é pontualmente localizado no tempo do *chronos*, mas ali não permanece, se espalha e irradia, é revivido na memória a partir dessa outra noção temporal, lógica e também inconsciente.

Na página 13 (Ernaux, *ibid*), descreve bem essa perspectiva:

“Quero mergulhar mais uma vez nesse período da minha vida, saber o que se encontra ali. Essa exploração vai se inscrever na trama de um relato, o único capaz de recuperar um acontecimento que era apenas tempo dentro e fora de mim. (...). Vou me esforçar, acima de tudo, para me aprofundar em cada imagem, até que tenha a sensação física de ‘alcançá-la’, e que surjam algumas palavras sobre as quais eu possa dizer “é isso”. Ouvir de novo cada uma dessas frases, que não se apagaram em mim, cujo sentido na época deve ter sido tão insuportável, ou, inversamente, tão reconfortante, que afundo em desgosto ou doçura ao pensá-las hoje”.

Neste trecho podemos compreender muito do que se trata a pulsão invocante, destacando-se especialmente os termos “dentro e fora de mim”, “sensação física” e “ouvir as frases que não se apagaram em mim”. Aqui Ernaux personifica o sujeito que, na posição de escuta daquilo que não se pode preparar para ouvir, ou seja, que é do caráter fortuito do Real, se torna objeto do que escuta, à medida em que o acontecimento escutado, se torna sujeito. Nessa experiência presente, remetendo a afetos passados, algo é constantemente reconstruído e revisto mas, além disso, ao rastrear essa pulsão, passamos a ter notícias de uma verdade desconhecida: a verdade acerca do próprio desejo.

Dessa maneira, a partir dessa análise, passamos a ter notícias da atuação da pulsão invocante no significante imaginário, uma vez que a imagem invocada no som é simbolizada, nesse caso, por meio da escrita. Do mesmo modo que não se pode falar da falta, sem falar do desejo, não se pode falar de som, sem se falar de imagem. O Real, por sua vez, gera os efeitos do próprio invocante, ao deixar tudo em suspenso. É na busca por representar o irrepresentável, que nos deparamos com a angústia, em que o imaginário se barra com o simbólico. Tudo isso aponta para como o alcance da pulsão invocante, no sentido de sua atuação no sujeito do inconsciente, é bastante vasta.

2.2 Reconstituição da Cadeia Significante que Aponta para o Sujeito do Acontecimento

Na obra de Annie Ernaux, “O acontecimento”, podemos identificar cenas que denotam esta escuta reflexiva advinda da pulsão invocante, cenas essas em que, no fortuito, se presentifica o Real do infamiliar. Para promover tal escuta, identificamos os significantes que compõem essas cenas e, conseqüentemente, a narrativa. Um significante é uma palavra que se define, ganha seu valor e seu sentido por sua relação com outro significante dentro de um sistema de oposições significantes (Lacan, [1960/61], 2010). Assim, a cadeia de significantes se trata de uma sincronia entre significantes, uma vez que ali localizada, a palavra perde o seu valor de dicionário, mas ganha valor a partir de sua posição ocupada na cadeia significativa. A cadeia significativa é inconsciente e “constitutiva do sujeito que fala” (Lacan, *ibid*, p. 214).

É importante pontuar que, uma vez que o significante nasce palavra, e não significante, é o manejo do analista, em contexto de análise, que irá promovê-lo. Aqui, buscamos realizar uma análise não da escritora Annie Ernaux, mas da Annie narrada pela própria, na obra que elegemos. Ou seja, com base em seu próprio relato, autobiográfico, mas também de caráter literário, procuramos reconstituir a cadeia de significantes que a compunham como sujeito naquele momento de sua vida, a fim de melhor desenvolver e exemplificar do que se trata a escuta reflexiva, mas jamais com o rigor técnico que um processo de análise psicanalítica exigiria.

Partimos, assim, do significante “acontecimento”, escolhido não só como o título da obra, mas como o fio condutor de toda a narrativa. A partir de “acontecimento”, Ernaux expande o que viveu naquele período para além do termo “aborto”, apesar desta palavra ser vinculada diretamente ao primeiro significante. Assim, logo nesse princípio, nos deparamos com a metáfora, aqui tida como a figura de linguagem onde um significante substitui um outro significante, gerando um efeito cuja produção é uma significação nova. E, a partir de “aborto”, na associação livre da escrita, outros significantes vão sendo ligados à cadeia, criando também um campo semântico e sendo chave de entrada para o circuito pulsional.

Em uma das cenas, Annie havia saído com a intenção de encontrar um médico que aceitasse fazer seu aborto: “Eu estudava as placas douradas dos consultórios, me perguntando quem estaria por trás delas. Não conseguia me decidir a tocar o interfone. Esperava um sinal” (Ernaux, [2000], 2022, p.22). O sinal parece vir de si mesma, quando não lhe sai da cabeça o refrão de uma canção que escutava frequentemente, cantada por uma freira, a irmã Sorriso. Diz que a letra era “edificante e inocente”, e a melodia era “alegre e dançante”. Já não olhava mais as placas nas portas, vagava sem propósito. A música a “enchia de força” em sua busca.

Interpele a narrativa para comentar que, do momento em que escreve, há dez anos, leu

que a Irmã Sorriso se suicidara: “Fiquei com a sensação de que fora aquela mulher em ruptura com a sociedade, a excluída mais ou menos lésbica, alcoólatra, aquela que não sabia quem se tornaria um dia, que havia me acompanhado pelas ruas de Martain-ville quando eu estava só e perdida. Nos unia um abandono apenas deslocado pelo tempo” (Ernaux, *ibid*, p. 23). Nesse fragmento, o invocante aponta para uma canção alegre e edificante, cuja melodia cantarolada em seus pensamentos gera uma mudança de perspectiva. Da angústia e indecisão, surge uma “força” para seguir em sua busca. A música era cantada por irmã Sorriso, cujo nome por si só poderia invocar aqueles mesmos sentimentos, todavia, um interlúdio aponta para outro desfecho em sua vida pessoal. “Abandonada”, recorre ao suicídio.

Annie Ernaux, ao retomar a cena anos depois, aponta para um fio de solidão e senso de perda que as conecta, especialmente após as notícias de sua vida e morte, mas já indicial no instante em que, de perda e solitária, por meio da canção de irmã Sorriso, encontrou uma força de movimento. Contudo, antes de tudo isso, Annie ouviu a música pela primeira vez e, desde então, a música lhe deixou uma impressão. Resgata a melodia em um momento angustiado e, anos depois, ainda é capaz de retomar o vivido a partir do invocante e de dar novos contornos a ela. Primeiro ouve, perceptualmente, mas depois escuta, reflexivamente.

Aqui também é curioso pensar no duplo que Freud apresenta entre familiar e infamiliar, o conhecido e o estranho: “(...) familiar [*heimlich*] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com o seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*]. Infamiliar é, de certa forma, um tipo de *familiar*.” (Freud, [1919], 2019, p.49). Do desconhecido, brota o conhecido; em tudo que há de familiar, há também um estranhamento. A música, tão conhecida, carregava em si um tanto de desconhecimento e é a partir disso, que algo atravessa e gera modificações em Annie.

Em outra cena, após a primeira tentativa no ateliê da fazedora de anjos, Ernaux ([2000], 2022, p. 49) discorre: “nada acontecia. (...) ‘ainda estou esperando. Amanhã voltarei à casa da fazedora de anjos, já que ela não conseguiu’. (...) Fazia muito frio, tudo estava branco. No vagão, atrás de mim, duas garotas falavam sem parar e riam de tempos em tempos. Escutando-as, eu me sentia sem idade”. Ao escutar, vem o sentir. Ao escutar, há estranhamento diante da familiaridade de um contexto habitual: pegar o trem, os ouvidos captarem conversas paralelas. Contudo, dessa vez Annie estava vivendo o acontecimento de uma tentativa de aborto fracassada, e esse acontecimento era maior do que tudo, seja sua posição social, seja sua juventude, o fato de ser universitária. É de se conjecturar que escutar justamente jovens mulheres, assim como ela era antes do acontecimento, e que casualmente “falavam sem parar e riam de tempos e tempos”, pudesse apenas gerar a constatação de algo há muito conhecido. Mas do conhecido e banal, brota o estranhamento consigo mesma: nesse

espelho do outro, não enxerga o próprio reflexo. Aquelas garotas tinham assuntos a discutir, coisas que as divertiam. O que Annie vivia era tão estranho, alheio, ou melhor, inquietante diante disso que, enfim, assume o sentimento de ser, naquele momento, “sem idade”.

Imaginar, idealizar e, por fim, concretizar o aborto aponta o tempo inteiro para um choque entre o Imaginário e o Simbólico, produzindo-se o efeito do Real. O que já estava contido na sua história sobre os sentidos de uma gravidez, depois especificamente, de uma gravidez quando solteira, quando jovem, as distinções de uma gravidez desejada e uma indesejada; testemunhar vizinhas e conhecidas que deixaram os estudos para se tornarem “mãe” e aquilo que está no dito social, qual o significado desse evento para o meio em que vive; nada disso é tênue diante da experiência aqui relatada.

A constituição do sujeito é menos sobre um eu egoico e consciente e mais sobre outros, ou melhor, um Outro, essa alteridade imaginária que nos atravessa por toda a vida, apontando aí sim para o sujeito que nos interessa, o do inconsciente. Desses outros de que Annie fala nestas cenas, a irmã Sorriso e as duas garotas no vagão do trem, pode-se identificar dois significantes em comum: “rir” e “sorrir”, o primeiro podendo ser encontrado no segundo.

Isso aponta para um processo metonímico, em que ocorre um “ (...) deslizamento indefinido dos significantes sob a continuidade da cadeia significante.” (Lacan, [1960/61], 2010, p. 214). Ou seja, “tudo o que se acha uma vez associado à cadeia significante (...), todos esses elementos, em condições adequadas, são capazes de poder ser tomados como equivalentes uns aos outros. (Lacan, *ibid*). Isso se percebe na primeira cena, em que “sorrir” está contido em seu próprio nome, nas segundas, o rir também é sublinhado pela narradora ao descrever aquilo que escutou.

Este rir, tanto na Irmã Sorriso cuja música é um signo de leveza, enquanto sua vida desemboca em um final trágico, quanto nas garotas, que simbolizam a despreocupação da juventude, parece apontar para a ironia, o absurdo, o sem sentido do acontecimento e, por que não, da própria vida. Assim, aqui, o riso é um gozo que barra os sentidos, que dá notícias do Real e, portanto, é um significante importante na constituição de Annie como sujeito.

CAPÍTULO III

O sentimento oceânico e o sentimento desértico na perspectiva da subjetivação de um acontecimento

Esta noção de algo “no mundo” despertar conexões e transformações na cadeia significativa do sujeito do inconsciente, seja aversão, seja desejo; não se encontra apenas nas pulsões, como é o caso do invocante. Nesta perspectiva, é interessante nos voltarmos também ao conceito do sentimento oceânico. Termo cunhado por Romain Rolland em uma de suas cartas a Freud, diz respeito, assim como o oceano, a um sentimento sem fronteiras ou barreiras, “de um caráter ilimitado e de uma ligação com o todo”, ou seja, o sentimento de ser um com o mundo externo, de pertencer a um todo maior (Freud, [1929], 2011, p.47-48). Por mais que, em um primeiro momento, este conceito seja vinculado à certa noção espiritual, vale pontuar o quanto seu vínculo ao registro do Imaginário também nos dá notícias quanto a uma subjetivação.

Quer dizer, por mais que aponte para um sentimento de “ligação com o todo”, se trata de uma experiência vivenciada pelo sujeito dentro de suas particularidades, sejam suas lembranças, ou projeções sobre os objetos ou significantes do desejo, assim como pelos fantasmas, os traumas e a perda desses objetos. Tudo isso aponta para uma história um tanto específica que descreve a maneira como este sujeito apreendeu seu lugar no mundo, a maneira como os acontecimentos que o atravessam passaram a constituí-lo, da maneira como é, naquele instante.

Percebe-se, desta maneira, tanto na noção do sentimento oceânico, quanto na pulsão invocante, uma certa similaridade conceitual, por mais que, em essência, sejam um tanto distintos um do outro. De um modo ou de outro, ambos apontam para reações psíquicas frente a um estímulo externo; seja o sentimento arrebatador de se sentir pertencente e “um” com o mundo, seja um gozo nostálgico, provocando mudanças na cadeia significativa, seja ser tomado pelo lugar do Outro, deixando de ser sujeito, se tornando objeto daquilo que escuta. Contudo vale destacar que, o que neste trabalho estamos chamando de um certo choque impositivo provocado pelo encontro com o fortuito mediante o invocante, no sentimento oceânico se fala mais especificamente de um sentimento de arrebatamento.

Destacando aqui a noção do significante imaginário, nos deparamos com uma espécie de associação significativa quase que direta, uma vez que entre o estímulo e a reação, ou seja, entre palavra e escuta, esta é vertida, num instante, em imagem mental. Desse modo, a pulsão invocante sempre vem associada a uma imagem, pois, “na realidade, não existe

possibilidade concreta de separar palavra, imagem e ação (...)” (Droguett, 2004, p.81), nós somos feitos da mistura de tudo isso. Assim, o significante imaginário é aquele que se estrutura como uma imagem que é subjetivamente associada a qualquer fenômeno ou situação a que somos submetidos. Em “O acontecimento”, Ernaux dá notícias dessa simbiose da palavra e imagem, ao se referir ao processo de escrita da própria obra: “Essa impossibilidade de dizer as coisas com palavras diferentes, essa união definitiva da realidade passada e de uma imagem que exclui qualquer outra me parecem a prova de que *realmente* vivi *assim* o acontecimento” (Ernaux, [2000], 2022, p.57). A memória é acessada pela imagem, mas é transmitida pela palavra.

Esta noção é reforçada quando, em outro momento, explanando sobre o que intenciona com a escrita do acontecimento, irá descrever que deseja “(...) somente permanecer o mais perto possível da sensação de um fluxo inerte do sofrimento, como a que tive com a pergunta de uma farmacêutica e com a visão de uma escova de cabelo ao lado da bacia de água onde estava imersa uma sonda. Pois a perturbação que sinto ao rever imagens, ao voltar a escutar palavras, não tem nada a ver com o que eu sentia então; é apenas uma emoção da escrita. Quero dizer: que permite a escrita e constitui o signo de sua verdade” (Ernaux, *ibid*, p. 52- 53). Aqui, Ernaux parece falar dessa tentativa de captar o incapturável, de descrever um sentimento de outrora que jamais poderá ser transmitido do mesmo modo em que foi vivido, pois o sentimento ultrapassa o que é da ordem do simbolizável, uma vez que carrega um signo do vazio irrepresentável, ou de um excesso que transborda e vaza.

Pensando nestes sons-imagens (significante imaginário), é possível delinear um certo paralelo: se o sentimento oceânico é aquele que transborda, em êxtase com o todo do mundo; podemos fazer oposição a ele com o que denominaremos de sentimento desértico, som significante do árido, do vazio, que sublinha a falta. Um trecho da obra de Ernaux parece descrever essa contraposição como se nela também estivesse contida certa concomitância: “Os rostos dos transeuntes, os carros, as bandejas na mesa do restaurante universitário, tudo que eu via parecia transbordar de significados. Mas, justamente por causa desse excesso, eu não conseguia compreender nenhum. Havia, de um lado, os seres e as coisas, que significavam até demais; e, de outro, as frases, as palavras, que não significavam nada. Eu estava em um estado febril de consciência pura, além da linguagem, que a noite não interrompia” (Ernaux, *ibid*, p. 64).

Este “além da linguagem” que, ora é excesso que transborda de sentido, ora é vazio de significado, também parece dar notícias do Real, bem como do invocante, que movimenta e provoca algo subjetivamente, algo este além da palavra. Diante da falta e do furo que tudo isso parece apontar, especialmente para este deserto do vazio, a imagem que nos é despertada

é a da cena original, vinculada ao Complexo de Édipo. Nele, a criança se questiona a respeito de suas próprias origens, ou seja, de onde veio e como que isso se deu, assumindo uma postura investigativa. Mais para além do contexto do sujeito, é interessante pensar nessa busca pelas origens como um sentimento coletivo, nas imagens antropológicas em que a Humanidade se engendra. Dentre essas imagens, há o oceano e há o deserto. A abundância que maravilha e afoga, a secura que assombra e esvazia.

Ernaux (ibid, p. 41) diz que “uma memória primitiva nos faz ver toda a vida passada sob a forma elementar da sombra e da luz, do dia e da noite. (...) não disponho de nenhuma certeza a respeito dos sentimentos e pensamentos, devido à imaterialidade e à evanescência daquilo que atravessa a mente. Só a lembrança das sensações ligadas a seres e coisas fora de mim - a neve do Puy Jamel, os olhos arregalados de Jean T., a canção da Irmã Sorriso - me traz a prova da realidade. A única memória verdadeira é material”. Em seu exercício de escrita, Annie busca remontar cenas de seu passado, em busca do que também parece ser de sua origem.

Quando afirma que suas memórias são ou elementares, no senso de “ou isso ou aquilo”, ou então vinculadas a sensações efêmeras, diz que prefere confiar nessas últimas como caráter de veracidade dessas lembranças. É assim que retoma sua história que anuncia de onde veio e como veio. Contudo, se nos interessa compreender como se dá essa construção e reconstrução no nível do sujeito, é importante dar um passo atrás e nos voltar, primeiro, para como isso se desenrola também no âmbito do coletivo.

3. 1 Sons-imagens na remontagem do mal e bem-estar na civilização

Freud revoluciona quando coloca em questão a frustração humana ao se ver impelida a rechaçar seus impulsos, em prol da convivência social. Descreve em “O mal-estar na civilização” que o que lhe parece ser o ponto fatídico da humanidade é "saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. (...) Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminar uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade” (Freud, [1930], 1996, p.92).

O sujeito assujeitado pelos preceitos culturais seria, a partir dessa prerrogativa, diverso daquele que se deixaria guiar pelos impulsos agressivos e destrutivos. Algo precisa ser silenciado em nós para que possamos conviver uns com os outros. Em outro momento do

texto, Freud descreve quais seriam as implicações que operam no sujeito a partir desta dinâmica: “(...) é bastante concebível que tampouco o sentimento de culpa produzido pela civilização seja percebido como tal, e em grande parte permaneça, ou apareça como uma espécie de mal-estar, uma insatisfação, para a qual as pessoas buscam outras motivações” (Freud *ibid*, p. 85). Desse modo, concomitante ao desenvolvimento civilizatório, abarcando desde costumes estabelecidos nas primeiras comunidades até os grandes avanços tecnológicos que vivenciamos nos nossos dias, caminha junto certo mal-estar e insatisfação, uma vez que é preciso abrir mão de determinados quereres individuais em prol do comunitário.

A partir deste pressuposto, podemos começar a delinear perspectivas mais amplas no que concerne os processos de subjetivação e do sintoma da cultura dentro da temática do Real do invocante, presentificado na narrativa de “O acontecimento”. Na página 25, Ernaux dirá: “A lei. Ela estava em todo lugar. Nos eufemismos e lítotes da minha agenda, nos olhos protuberantes de Jean T., nos casamentos forçados, no filme *Os guarda-chuvas do amor*, na vergonha daquelas que abortavam e na reprovação dos outros. Na impossibilidade absoluta de imaginar que um dia as mulheres pudessem decidir abortar livremente. E, como de costume, era impossível determinar se o aborto era proibido porque ruim, ou se era ruim porque proibido. Julgava-se de acordo com a lei; não se julgava a lei”. (Ernaux, [2000], 2022). Esse trecho por si só carrega um material muito rico para nossa análise.

A “lei” a que se refere aponta não somente para as normas formalizadas em escrita dentro de um código de conhecimento geral, mas àquelas que estão postas nos ditos mais sutis. São os gestos, as cenas testemunhadas, diálogos entreouvidos. Para Annie, a mensagem desta lei “estava em todo lugar”: no cinema, nos conhecidos e, especialmente, no olhar e na língua dos outros. A mensagem transmitida é: há coisas que não se faz, que não se pensa, que são proibidas. Como sujeito que se desenvolve imerso numa rede de sentidos dada por um Outro, estas coisas apenas são, porque têm caráter de lei, e se é lei não se questiona. Mas um elemento ímpar sempre entra em cena: um acontecimento que convoca a algo além desses ditos, pois eles sozinhos não conseguem dizer o que se deu na experiência. Para Annie, foi a gravidez. Uma gravidez indesejada, inesperada e que desejava pôr um fim; desejo este que se opunha à lei e a todos estes ditos. A partir desse embate, não é possível sair ileso, e é preciso, enfim, questionar. A questão que formula é: essas proibições são assim por serem “ruins”, ou se tornam ruins por serem proibidas?

Este fragmento ilustra algo muito mais amplo que podemos descrever como um sintoma da cultura. Especificamente aqui, o tabu que circunda o aborto, por ser indicial de não somente do ato de encerrar voluntariamente uma gravidez, mas também do corpo da

mulher, sua sexualidade e, em última instância, tudo que aponta para seu desejo. Desejo este que pode vir, vez ou outra, na contramão da lei. Apesar da narrativa se passar sessenta anos atrás e, portanto, transmitir o caráter de uma época que já não é a mesma nos dias de hoje, nos surpreende refletir que esse sintoma segue ainda um tanto presente. A partir disso, quais os efeitos psíquicos que o tabu social é capaz de gerar no sujeito?

Um aspecto que surge para Ernaux aqui foi de questionar sua função e o que a definia, como mulher e como sujeito: “de certa maneira, minha incapacidade de redigir a monografia era mais assustadora que a necessidade de abortar. Era o sinal indubitável da minha desgraça invisível (...) Tinha deixado de ser ‘intelectual’. Não sei se esse sentimento se dispersou. Ele causa um sofrimento indizível.” (Ernaux *ibid*, p. 27). Ter sido a primeira da família a ingressar na universidade, ocupando seu tempo na função de estudante, que lê, escreve e reflete a fez enxergar-se como “intelectual”. Diante da imposição do Real da gravidez, já não era possível seguir como antes, porque “intelectual” já não era um significante capaz de dar conta de si. Se depara com o signo cultural de que, a moça que engravida sem desejar não é compatível com a moça que estuda e recebe um diploma universitário.

Esse signo sempre vem de um Outro. Após o aborto, Annie passa por complicações, e é preciso chamar um médico. Com sua entrada em cena, algo também muda: “(...) De experiência pura da vida e da morte, ela se tornou exposição e julgamento. (...). ‘Olhe para mim! Jure que nunca mais fará isso! Nunca!’ (...) Ele pegou seu receituário, ‘você vai ao hospital Hôtel-Dieu’. Eu disse que preferia ir a uma clínica. De modo firme, ele repetiu ‘ao Hôtel-Dieu’, deixando claro que o único lugar para uma garota como eu era o hospital (...)” (Ernaux *ibid*, p. 57). No hospital, se depara com uma moça grávida, dizendo que iria parir: “Entendi que era uma moça de vinte anos, sem marido. Ela havia mantido o bebê, mas não era mais bem tratada do que eu. A moça abortada e a mãe solteira dos bairros pobres de Rouen estavam no mesmo barco. Talvez tivessem mais desprezo por ela do que por mim” (Ernaux *ibid*, p. 58).

Annie tem um encontro com algo que a ultrapassa. Apesar de a experiência ser só sua como sujeito, há traços dessa vivência que transbordam para muitas outras mulheres, não só as daquele momento, mas as que vieram antes e que poderiam vir depois: “No banheiro da cidade universitária, eu tinha parido uma vida e uma morte ao mesmo tempo. Pela primeira vez, sentia-me parte de uma cadeia de mulheres por onde passavam as gerações. Foram dias cinza de inverno. Eu flutuava na luz no meio do mundo” (Ernaux *ibid*, p.63). Vida e morte, oceano e deserto. A narrativa explora sons-imagens que nos fazem refletir sobre o mal e o bem-estar no mundo, que se relacionam aos sentimentos oceânico e desértico que propomos no início deste capítulo.

A partir da perspectiva de que “o próprio imaginário tem a necessidade de ser simbolizado (...)” (Droguett, op.cit, p. 82), o significante imaginário do oceano (e do sentimento oceânico) pode nos levar a uma concepção de gozo, vinculada ao excesso, enquanto o significante imaginário do deserto, que escancara uma falta, nos leva a mais um encontro com o nada do Real. Diante do Real, não é possível dizer, pois seu caráter inefável nos escapa. Ao mesmo tempo, todavia, é diante dessa falta, que também vamos acessar nosso desejo. É por conhecermos o deserto, que nos impressiona tanto o oceano. No final de sua escrita, Ernaux elabora o acontecimento, dando um sentido novo ao atravessamento do mal-estar, chegando em algo próximo de seu oposto:

“(...) Terminei de pôr em palavras isso que se revela para mim como uma experiência humana total, da vida e da morte, do tempo, da moral e do interdito, da lei, uma experiência vivida de um extremo a outro pelo corpo. Eliminei a única culpa que senti a respeito desse acontecimento- que ele tenha acontecido comigo e que não tenha feito nada dele. Como um dom desperdiçado. Pois, para além de todas as razões sociais e psicológicas que pude encontrar naquilo que vivi, existe uma da qual estou mais certa do que tudo: as coisas aconteceram comigo para que eu as conte. E o verdadeiro objetivo da minha vida talvez seja apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita, isto é, algo inteligível e geral, minha existência completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros.” (Ernaux ibid, p.68).

O sentido que encontra ultrapassa a rigidez da lei imposta pela cultura, assume enfim, que era preciso que o acontecimento se tornasse escrita. A reprodução artística se mostra, assim, capaz de positivar a cultura. E isso é “bem-estar” no mundo.

CAPÍTULO IV

O real da pulsão invocante desvela o significante do desejo

Quando captamos a cena do sujeito cativado pelo invocante, de que sujeito estamos falando? Se trata, evidentemente, não do sujeito de carne e osso, mas daquele do inconsciente, que capturado pela pulsão, escuta a voz do Outro e se faz ser ouvido. Esse sujeito não é a priori, ele surge, fruto de algumas circunstâncias. A primeira delas é o local do Outro.

Como anteriormente discurremos, já nascemos imersos em uma rede simbólica de ditos e afetos, algo que não nos é inerente, mas que advém de um meio externo. Ao longo da vida vamos nos colando e identificando a esses ditos, respondendo ao nome que nos foi dado

por esse Outro. Esse nome é um entre outros tantos significantes que vão constituindo uma cadeia de noções e concepções que passam a fazer parte de nós. Quer dizer, esse sujeito de que falamos, é o sujeito abarcado no Outro. No lugar desse Outro há os significantes que irão abarcar o sujeito. O sujeito, assim, só é incluído no Outro por meio dos significantes. (Lacan, [1959-1960], 1998, p. 662). Mas algo acontece quando esse sujeito passa a se fazer perguntas.

Esse processo pode até ser consciente, como se questionar se a maneira como as coisas são feitas pela família, por exemplo, é mesmo a única maneira de se fazer, se não tem outro jeito, nem pior nem melhor, mas diferente. Estar às voltas com este tipo de questionamento também é o que potencialmente pode impulsionar um processo de psicanálise. Contudo, ao longo das discussões promovidas por este trabalho, chama atenção o quanto que o processo que ocorre no acontecimento fortuito da pulsão invocante, também convoca a certo questionar-se.

Escancarado o Real, inicialmente há o choque, que remete, em seguida, à uma cena imaginária. O sujeito sofre um abalo, algo o perturba e, dessas associações, é capaz de simbolizar sua experiência, assim como Annie Ernaux fez na escrita de “O acontecimento”. Vimos que isso, então, gera uma mudança na cadeia de significantes: aquilo que estava dado já não cabe mais, depois da experiência vivida. Esse processo revela não só uma mudança no sujeito, mas desvela algo muito importante: dá notícias acerca de seu desejo. Em tudo o que se dá no concreto e que nos chama a escutar algo que diz respeito somente a nós mesmos, há também um convite, em especial, para nos voltar com ouvidos atentos à nossa natureza desejante.

Da angústia, o desejo. Daquilo que se perde, do impasse que surge, o desejo faz furo e convoca ao movimento. O abalo nascido do acontecimento fortuito escancara aspectos que costumam manter-se silenciados no emaranhado simbólico de nossos dias, gerando um senso concomitante de estranhamento e familiaridade. Na tentativa de discorrer sobre as nuances da pulsão invocante, tentamos captar algo de seu caráter que é justamente o acaso, aquilo que acontece no instante, que é abstraído num tempo lógico, o tempo do inconsciente. Tudo isso é puro movimento e o movimento é o que melhor descreve o desejo.

O desejo não se deixa capturar, “(...) é falta em sua própria essência. E isso tem um sentido, é que não há objeto cujo desejo se satisfaça, mesmo que haja objetos que sejam causa do desejo.” (Lacan, Inédito, p. 440). Isso chama a atenção justamente porque, da mesma maneira que não há objeto que satisfaça o desejo, vimos que o objeto da pulsão se desloca e esta só pode ser “satisfeita” ao contornar o objeto, não ao atingi-lo. Apesar de serem conceitos fundamentalmente díspares, o movimento inerente tanto ao desejo, quanto às

pulsões, os vincula de certo modo. Como seres pulsionais, estamos sempre em movimento buscando reencontrar “o” objeto.

Mas o objeto de desejo não é sempre o mesmo. Uma vez que este objeto desejado é alcançado, logo desvenda-se que ele não satisfaz tanto quanto se imaginava. Como um processo metonímico, o objeto de desejo desliza e almeja um outro objeto, de maneira semelhante ao objeto pulsional, que também jamais é atingido. É na busca por essa satisfação impossível e nunca saciada que se revela a falta, que nos é constituinte. Algo sempre escapa. Contudo, se não é possível se apropriar do desejo como objeto, é possível apropriar-se da nossa condição de sujeitos desejantes, que também nos é estrutural.

O que é capaz de sustentar essa condição não é o objeto, mas a fantasia a seu respeito. O registro Imaginário é o que gera o movimento em direção ao objeto de desejo; o Simbólico o mantém, uma vez que junto à fantasia vincula-se todo um conjunto significante. Isso porque, da mesma maneira que o desejo é sempre do Outro, o tesouro significante também é, no sentido de que o sujeito só é a partir deste Outro que lhe nomeia e lhe diz. Assim, o sujeito se sustenta como desejante por estar em relação a este conjunto significante. Tanto a fantasia quanto este conjunto são o que mobilizam o sujeito, que fazem com que ele caminhe mais e mais, ainda que essa fantasia jamais possa ser alcançada. Quer dizer, se é à fantasia que mira e que o inspira a caminhar, o desejo é o próprio caminho (Lacan, [1964], 2003, p. 175).

O que desejamos, portanto, não é uma coisa, mas o próprio ato de desejar. Desejo de desejo é o que nos caracteriza como seres desejantes de fato. Kojève, introduzindo o pensamento de Hegel, do qual Lacan se baseia um tanto para o desenvolvimento desses conceitos, irá discorrer sobre isso: "O homem se confirma como humano ao arriscar a vida para satisfazer seu desejo humano, isto é, seu desejo que busca outro desejo. Ora, desejar um desejo é pôr-se no lugar do valor desejado por esse desejo. Porque, sem essa substituição, desejar-se-ia o valor, o objeto desejado, e não o próprio desejo (...)" (Kojève, 2002, p. 14).

Quer dizer, esse movimento que nos impele a desejar e seguir desejando é o que nos confere humanidade, o que nos constitui como sujeitos. Sujeito este que, ao desejar um desejo, escancara seu apelo de ser reconhecido pelo Outro: "(...) desejar o desejo do outro é, em última análise, desejar que o valor que eu sou ou que represento seja o valor desejado por esse outro: quero que ele reconheça meu valor como seu valor, quero que me reconheça como um valor autônomo. Isto é, todo desejo humano, antropogênico, gerador da consciência-de-si, da realidade humana, é, afinal, função do desejo de reconhecimento." (Kojève, *ibid*, p. 14).

Aquilo que nos parece mais alheio, que é proveniente “de fora”, de um Outro; seja o inquietante, seja o invocante, vez e outra apontam para o paradoxo de que é justamente isto que compõe o nosso íntimo. Quão intrigante é conceber que o desejo, que nos caracteriza tão

subjetivamente, é sempre movimentado a partir de um Outro, externo a nós, mas concomitantemente, fundante de nossa identidade? Do ponto em que surgiram as questões para este trabalho, caminhamos como um círculo completo, descobrindo que o final também aponta para o começo, e que o início já dava indícios de seu final.

4.1 O acontecimento da escrita e da análise psicanalítica: Annie como sujeito desejante

A pulsão invocante que escancara o Real, um acontecimento que abala certezas e faz emergir questões que apontam para o desejo: desejo de desejo, desejo de reconhecimento; todo este andamento pode ser visto na obra de Ernaux na qual estamos nos debruçando. Acompanhamos este processo nos impasses contidos na própria narrativa do acontecimento (a surpresa da gravidez, os obstáculos para concretizar o aborto, as implicações disso no corpo e na psique), mas também nos interlúdios que a própria autora faz ao descrever a experiência do registro escrito, anos depois, do tal acontecimento.

Por mais que, tanto a própria narrativa, quanto a elaboração dos sentidos contidos no exercício de narrar, Ernaux não faça qualquer alusão a um processo de análise psicanalítica, aqui nos interessa mais uma vez apontar as confluências presentes entre ambos. Em outros momentos neste trabalho, nos voltamos à personagem Annie, ou seja, à versão ficcionalizada descrita por Ernaux, para ilustrar as questões que nos propomos refletir e elaborar.

Neste ponto, optamos por dar ênfase às passagens em que Ernaux expressa as angústias com a escrita do livro, não com o intuito de analisar a pessoa de Annie Ernaux pois, além de ser antiético propor algo do gênero sem o desejo da pessoa em questão, exercer a análise fora de um setting psicanalítico também é da ordem do impossível, mas de ampliar a questão construindo paralelos entre o processo de Ernaux na escrita de “O acontecimento” e o processo de análise psicanalítica. Logo na abertura do livro, a autora traz uma citação atribuída a Michel Leiris: “Meu duplo desejo: que o acontecimento se torne escrita. E que a escrita seja acontecimento.” (Ernaux, [2000], 2022, p.3).

Aqui em poucas palavras, ela parece sintetizar sua intenção ao decidir registrar sua experiência. A escrita não só surge como instrumento capaz de captar o acontecimento inesperado que tanto a atravessou, como também, a partir dela, algo novo emerge. A escrita sobre o acontecimento é, em si, um novo acontecimento. Mas que acontecimento seria este?

Na página 12, Ernaux explica: “só queria testar meu desejo de escrever sobre isso. Um desejo que me atravessava constantemente sempre que eu estava trabalhando no livro que venho escrevendo há dois anos. Eu resistia, mas não conseguia deixar de pensar nisso.

Ceder ao desejo me parecia assustador. Mas me dizia também que poderia morrer sem ter feito nada desse acontecimento. Se havia uma culpa, era essa.” (Ernaux, *ibid*). O trecho parece apontar que, antes mesmo de iniciar o processo de escrita, Ernaux passou determinado período sendo “atravessada” pelo desejo de registrar aquilo que tinha vivido. O desejo, ao mesmo tempo que a assustava, foi o que a mobilizou a, enfim, começar a escrever.

Podemos dizer que a narrativa se trata do que acontece com o sujeito quando atravessado por um acontecimento inesperado, o que muda dentro e fora, e que as saídas possíveis só podem ser subjetivadas. Ao mesmo tempo em que descreve o medo com a descoberta da gravidez, Ernaux fala de uma Annie motivada por muitos desejos. O desejo de manter-se na universidade. De estudar e escrever. De ser mulher ocupando uma posição outra que não a de mãe, que até então era o seu referencial familiar. Desejos estes que a mobilizam rumo à busca incansável por concretizar o aborto.

Se é possível observar que o uso da escrita funciona aqui como ferramenta para elaborar uma vivência que, na época em que se deu, não podia dizer em palavras, também não se pode ignorar que o desejo de fazer do acontecimento escrita, e da escrita, acontecimento, é o que parece fazer com que Ernaux simplesmente continue o registro, por mais que vez ou outra seja interpelada por suas angústias.

Em determinado momento, descreve a dificuldade de manter a linearidade temporal na narrativa: “(Sinto que o relato se arrasta e se impõe, sem que eu saiba, um sentido: o da marcha inelutável da infelicidade. Me obrigo a resistir ao desejo de descer precipitadamente os degraus dos dias e das semanas, tratando de conservar por todos os meios - a busca e o registro dos detalhes, o emprego do imperfeito, a análise dos fatos - a interminável lentidão de um tempo que se espessava sem avançar, como o tempo dos sonhos.)” (Ernaux, *ibid*, p. 26). Esse exercício de “resistir ao desejo de descer precipitadamente os degraus dos dias”, parece apontar para a oposição do tempo cronológico e o lógico, da ordem psíquica. Em suas memórias, o acontecimento do aborto é o que mais se destaca e acontece num tempo diferente daquele que foi necessário para a descrição da série de eventos até o acontecimento, em si. Assim é também quando narramos nossas memórias em processo de análise. O tempo internalizado é sempre outro daquele contido nos relógios e calendários.

Em outro ponto, parece referir-se a certa insegurança frente ao olhar do outro: “(Pode ser que um texto como este provoque irritação, ou repulsa, ou seja considerado de mau gosto. Ter vivido uma coisa, qualquer que seja, dá o direito imprescindível de escrevê-la. Não existe verdade inferior.(...))” (Ernaux, *ibid*, p.32). Retoma, aqui, que a experiência subjetiva, justamente por ter esse caráter, confere liberdade ao sujeito para fazer uso daquilo que foi

feito dele, a partir dela. Ernaux, escreve. Na psicanálise, se fala. Ambos, lançam mão da linguagem para acessar a psique.

Se na neurose tende-se a tomar a falta como pesar, como lamento, como erro, ao longo de um processo de análise, a falta vai deixando de se tornar um peso para se tornar causa de desejo. Afinal, este é o fazer psicanalítico: numa conversão ética, operar com a ordem da falta sobre o sujeito, introduzindo este sujeito na ordem do desejo. Ao escrever um livro sobre o seu acontecimento, Annie Ernaux enfrenta as marcas de uma memória que carrega uma falta, uma dor, uma marca e, a partir disso tudo, também passa a enfrentar aquilo de que é feita uma análise, os impasses do desejo.

A Arte se transveste da vida pra falar dela mesma. O uso do livro “O acontecimento” ilustra belamente algo que se testemunha na clínica e na vida. Ainda que todo o livro seja bibliográfico, ele assume caráter de um romance psicológico - acompanhamos a jornada de Annie ansiosos não só para seu desfecho, mas para apreender todo o sentimento capturado e transposto por ela, em escrita. Isso é semiótica psicanalítica, a busca por apreender os efeitos psíquicos gerados pelos signos culturais. Aqui podemos dizer que diante de determinados signos como “gravidez” e “aborto”, que tem seus sentidos também histórica e socialmente localizados, podemos vislumbrar, na obra, o seu impacto tanto na Annie que vivia o acontecimento, exposta aos tabus que rodeavam essa questão, quanto em Ernaux, que revisita a memória e se depara com o Real do fortuito, mais uma vez.

Neste processo se destacam os efeitos que o encontro com o Real pode gerar na cadeia significante, e o que, nessa dinâmica, dá notícias acerca do desejo, do gozo, da falta e do excesso no sujeito. Daquilo que escapa e beira o indizível, do invocante que numa cena qualquer atravessa e cativa; surge o questionamento, a possibilidade, o movimento. Pensar na pulsão invocante como um “acontecimento” enfim nos guiou para algo muito valioso sobre o sujeito. O seu desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi possível contemplar o objetivo que intencionamos inicialmente, ou seja, destacamos os efeitos do acontecimento fortuito por meio da pulsão invocante na escuta constitutiva do sujeito do inconsciente, articulando a base teórica psicanalítica com a obra literária “O acontecimento”, tomando Annie como o sujeito que desejamos escutar.

No momento em que começamos a esboçar este trabalho, partimos da hipótese de que o acaso opera pela pulsão invocante revertendo a posição do sujeito do inconsciente para colocá-lo no lugar de objeto, à mercê dos efeitos inefáveis do Real. Nos questionamos como é para este sujeito circular por um mundo cheio de estímulos que constantemente o convocam para algo a seu próprio respeito.

Para isso, buscamos explorar qual o alcance da pulsão invocante, no sentido de sua atuação no sujeito do inconsciente. Quer dizer, foi preciso mergulhar em questões como sua atuação no significante imaginário, a maneira como a imagem invocada no som é simbolizada e o modo com que o Real gera efeitos no próprio invocante. Uma imersão teórica se fez necessária.

Todavia, do instante em que se delineou tudo isto até o momento da conclusão deste trabalho, um tanto de inesperado também se fez presente, em todo processo. Na constituição

da pesquisa e da escrita, outras tantas questões foram surgindo, outras mais necessidades se apresentaram. Era preciso articular toda esta teoria com algo que nos desse mais contornos, e ao mesmo tempo, permitisse expandir as perspectivas. Foi somente neste momento que a obra literária de Annie Ernaux, “O acontecimento”, entrou em cena.

Se fez necessário direcionar nossa escuta para elementos da vida em si que nos dessem notícias de todas as nossas elucubrações teóricas. Ernaux, narrando um acontecimento de sua própria vida, fez emergir pontes não somente com nossas questões iniciais, mas com noções psicanalíticas ainda mais estruturais, tais como a interação ambígua entre desejo e falta, o excesso e o vazio; e o paradoxo que é o inquietante frente ao familiar, bem como a familiaridade perante o inquietante.

A escolha das referências teóricas foi determinante para a elaboração deste estudo, uma vez que cada uma delas resultou relevante. Para pensar o conceito lacaniano de pulsão invocante, era mister que também fizéssemos um retorno a Freud e à sua elaboração teórica a respeito das pulsões e seus destinos. Pensar o acaso vivenciado nos registros do Imaginário, Simbólico e Real implicou a retomada do texto freudiano a respeito do “infamiliar”, ou inquietante. Apreender a constituição do sujeito que afeta e é afetado, exigiu uma articulação teórica entre o “mal-estar na civilização”, a falta, o desejo e o gozo.

Nos capítulos desenvolvidos foi possível começar a explorar, no início, a proposta da escuta do sujeito do inconsciente, lançando mão das cenas vivenciadas por Annie na obra literária, exemplos da experiência do acontecimento fortuito. Desta experiência foi possível trabalhar teoricamente esta noção com o conceito da pulsão invocante nos três registros. Em seguida pudemos aprofundar a questão da escuta reflexiva deste sujeito, delineando um paralelo com o conceito de tempo lógico, não como recurso clínico, mas pensado teoricamente; e a reconstituição da cadeia significante e pulsional também como maneira de escutar o que diz o sujeito que tomamos como objeto de estudo.

Também foi possível vincular o sentimento oceânico, da ordem de um todo transbordante, com o sentimento desértico, proveniente do árido, do vazio da falta. Ambos se mostraram representantes do paradoxo que é o sujeito dividido e que, ainda diante disso, precisa se submeter à lei e ao pacto social. Aqui foi relevante buscar elaborar os efeitos disso tudo neste sujeito.

A experiência de escrever este trabalho também nos levou a falar do exercício da escrita como forma de elaboração, de simbolizar algo de Real presentificado no acontecimento no invocante. Quer dizer, falar a respeito dessas questões, nos levou também a vivenciá-las. A interrogação quanto às minúcias da pulsão invocante, surgida também do encontro com o inominável, nos fez percorrer um trajeto em que fosse possível simbolizar o

não-dito, que nos convocou a deslizar pela cadeia pulsional até, após umas tantas voltas, nos depararmos com nosso desejo.

Desejo este que é deslizante e deslocante, que se veste e transveste e do qual não se pode apropriar. E, justamente por isso, nos revela algo de muito precioso a respeito deste sujeito que tanto queremos escutar em nossa clínica psicanalítica: se é bem ali onde apenas supostamente se sabe. O próprio título dessa tese assinalou justamente como essa escuta do sujeito pode se dar no acontecimento fortuito do invocante, fruto do espontâneo e, portanto, distante de um saber estático e cristalizado.

Por fim, todo este processo nos convocou a voltarmos à questão inicial buscando respondê-la. Assim, foi possível delinear que o acaso carrega algo da ordem do Real e que, ao mesmo tempo que isso assusta, aponta também para o desejo, que é próprio ao sujeito. Revelou-se, então, que este sujeito que tanto buscamos escutar, se tratava de um sujeito desejante.

Concluimos, assim, com muitas questões ainda sem resposta. Ainda bem, pois se tudo estivesse respondido, então também estaria tudo acabado. É só com nossas questões cheias de furos que é possível, enfim, seguir trabalhando e aprofundando as noções que propomos neste estudo.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Lecciones psicoanalíticas sobre la mirada y la voz**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión Buenos Aires, 1995.

BASTOS, Angélica. **A voz na experiência psicanalítica**. Rio de Janeiro: Ágora, v. XVII, n. 1, Janeiro/Junho 2014.

DROGUETT, Juan. **Sonhar de olhos abertos**. São Paulo, Arte & Ciência, 2004.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A pulsão e seus destinos** (1915). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar [Das unheimliche]** (1919). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ERNAUX, Annie. **O acontecimento** (2000). São Paulo: Fósforo, 2022.

IANNINI, Gilson. **Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito**. In: Freud, Sigmund. **A pulsão e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

- KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu** (1949). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. **O simbólico, o imaginário e o real** (1953a). In: Nomes do Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem** (1953b). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. **Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade** (1959-1960). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência** (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise** (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2021.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 14: A lógica da fantasia**. Inédito.
- MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS - **Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites**. Reverso, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, p. 55-67, Setembro de 2011.
- MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- QUEIROZ, Edilene Freire de. **A trama do olhar**. Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line, v.5, n. 1, Novembro de 2005.
- SANTAELLA, Lucia. **O real, o imaginário e o simbólico da pulsão**. In: Lucia Santaella e Fani Hisgail (Orgs.). **Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura**. São Paulo: Iluminuras,

2013.